

**PET Indígena**

20 de junho de 2020 · 🌐



Boa noite, me chamo Magno dos Santos, sou indígena da etnia Karipuna, da Aldeia Manga, região Curipi, Terra Indígena Uaçá, Oiapoque. Tenho 22 anos, sou representante regional e faço parte do grupo de conselheiros da minha comunidade. Hoje, dia 16 de junho de 2020, vou falar como a pandemia atingiu a minha comunidade. Quando a pandemia surgiu a gente já se sentiu preocupado, porque a gente viu como ela teve efeito nos países vizinhos. Então a nossa preocupação maior foi quando a gente viu que os grupos de risco eram os nossos idosos, porque os nossos que guardam as nossas histórias, e que até hoje a gente preserva, eles também são nossos dicionários vivos, são os nossos livros, mas até então não tinha aquele medo grande. A gente veio se preocupar quando apareceu os primeiros casos, tanto na Guiana quanto no Oiapoque. Então o nosso grupo de caciques, reunidos no Conselho de Caciques (CCPIO), se mobilizou e pediu de imediato uma barreira sanitária que iria acontecer no Km-18, a entrada da nossa Terra Indígena Uaçá. O objetivo principal dessa barreira era para que não houvesse nem saída e nem entrada de pessoas, para que não chegasse a contaminação dentro da comunidade, para que pessoas não trouxessem a contaminação para nossas aldeias. No início surtiu efeito, todos nós vimos que estava sendo uma barreira boa e que todos nós estávamos respeitando. Mas aconteceu que membros das nossas comunidades já estavam ficando sem os seus produtos essenciais e sem os seus produtos de higiene. Então o Cacique, juntamente com a comunidade, fizeram uma reunião interna para ver uma estratégia sobre como as pessoas iriam se movimentar da aldeia até o Oiapoque e como seria essa medida de prevenção para que não houvesse o contágio dentro da comunidade. Eles pensaram em estratégias, mas sabemos que a gente trabalha com várias regiões e sabemos que são várias comunidades...

Na primeira vez que foi aberta a barreira o pessoal foi até o Oiapoque, fizeram suas compras e teve todo um controle do quantitativo de pessoas que poderiam ir, até o momento estava tudo bem e pensávamos que a gente estava fazendo a coisa certa, a gente não sabia que iria enfrentar a Covid-19 tão rápido... O pessoal saiu da sua comunidade e foi até o Oiapoque, logo tinha sintomas dentro da comunidade, mas as pessoas não procuraram um Posto de Saúde, nem nada. E só quando foi confirmado o primeiro caso da Covid-19 dentro da aldeia é que o Cacique e o Conselho tomaram a atitude de fazer o isolamento de todos os membros da comunidade, que só saíssem das suas casas se fosse realmente necessário, se fosse para algo de extrema importância, mas, infelizmente, mesmo com todas as medidas que a gente tentou tomar dentro da comunidade, a gente não conseguiu evitar a propagação do vírus, e várias pessoas foram contaminadas, incluindo idosos e crianças, mas a gente não teve nenhum óbito dentro da nossa comunidade, tivemos alguns casos graves, mas foram poucos. Na maioria dos casos, a gente teve pessoas que sentiram sintomas leves, eu tenho para mim que eu contraí o vírus, mas eu não apresentei quase nenhum tipo de sintoma, a única coisa foi que eu perdi o paladar, eu não sentia gosto de nada. Não tive febre, não tive dor de cabeça, não tive problemas com hipertensão, minha pressão nem subiu. Mas outras pessoas na aldeia sentiram

muita febre, muita dor de cabeça, mal estar, dor no corpo.

Nosso isolamento domiciliar na aldeia passou a ser mais rígido e as pessoas deveriam ficar nas suas casas por, pelo menos, 14 dias, e houve o fechamento de tudo, dos comércios, do campo de futebol, de todos os lugares onde poderia haver aglomeração. Os trabalhos comunitários tiveram que parar, e também as reuniões. Acontecia as reuniões, mas era somente com o Cacique e o seu Conselho, a comunidade não participava.

A Covid-19 é uma doença grave, a gente tem que ter preocupação mesmo! Hoje a gente vê relatos de pessoas que ainda não estão bem, mas, por necessidade, continuam trabalhando nas suas roças, continuam fazendo seus trabalhos, né! Mas, graças a Deus, a gente tem nossos chás, foi algo que ajudou muito a gente aqui na aldeia, os nossos chás. O povo aqui fazia muito e o pessoal tomava. Teve pessoas que reagiram super bem com o chá, e eu posso dizer que muitas pessoas foram levantadas através desses chás, eu sou uma delas e estou contando aqui como foi passar pela doença. Eu vi meu pai, eu vi minha mãe, eu vi a situação deles... Não foi uma coisa tão grave, mas foi preocupante. A gente via na televisão como que estava acontecendo, mas a gente acreditava que tudo iria passar e que a gente iria conseguir superar, e foi o que aconteceu, a gente conseguiu superar e estamos nos recuperando. Mas o isolamento e o distanciamento ainda continuam porque ninguém sabe como que funciona a recaída do Covid para as outras pessoas, porque uma pessoa que já contraiu o vírus a gente não sabe como que funciona, então a gente continua com esse medo e com esse receio de contrair novamente. Uma coisa que a gente tem que colocar na cabeça é que a gente precisa mesmo zelar pela nossa vida, e não só pela nossa, pela dos outros, porque se a nossa vida não foi prejudicada, a vida de outra pessoa pode ser prejudicada. Então é isso, muito obrigado!

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil

16 de junho de 2020.

Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Cavalcante de Sousa

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#)

Bonsoir, je m'appelle Magno dos Santos, je suis indigène de l'ethnie Karipuna, du village Manga, région Curipi, Terre Indigène Uaça, Oiapoque. J'ai 22 ans, je suis représentant régional et je fais partie du groupe de conseillers de ma communauté. Aujourd'hui 16 Juin 2020, je vais parler de comment la pandémie a atteint ma communauté. Quand la pandémie a surgi, nous étions déjà inquiets, parce que nous avons vu comment elle avait d'effets sur nos pays voisins. Alors, notre plus grande préoccupation était quand nous avons vu que les groupes de risque étaient nos personnes âgées, ce sont elles qui gardent nos histoires, et que jusqu'à aujourd'hui préservons, elles sont aussi nos dictionnaires vivants, nos livres, mais jusque là il y avait pas encore cette grande peur. Nous avons commencé à nous inquiéter quand les premiers cas ont commencé, à la fois en Guyane et à Oiapoque. Alors notre groupe de chefs, réuni au Conseil de Chefs (CCPIO) s'est mobilisé et a demandé immédiatement une barrière sanitaire qui allait commencé à partir du Km-18, l'entrée de notre Terre Indigène Uaça. L'objectif principal de cette barrière était pour qu'il n'y ait ni sortie ni entrée des personnes, pour qu'il n'y ait pas de contamination dans la communauté, pour que les personnes ne ramènent pas la contamination dans nos villages.

Au début, il y a eu un effet, nous tous avons vu que c'était devenue une bonne barrière et que tout le monde respectait cela. Mais des membres de nos communautés étaient déjà sans leurs produits essentiels et sans leurs produits d'hygiène. Alors le chef, ensemble avec la communauté ont fait une réunion interne pour élaborer une stratégie sur comment les personnes allaient se déplacer du village jusqu'à Oiapoque et comment serait cette mesure de prévention pour qu'il n'y ait pas de contamination dans la communauté. Ils ont pensé sur des stratégies, mais on savait qu'on travaillait avec plusieurs régions et que ce sont plusieurs communautés...

La première fois que la barrière a été ouverte, les gens ont été jusqu'à Oiapoque, ils ont fait leurs achats et il y avait tout un contrôle de la quantité de personnes qui pouvait y aller, jusqu'à ce moment tout allait bien et nous pensions avoir faire les choses correctement, on ne savait pas qu'on allait affronter le Covid-19 si rapidement... Les personnes sont sorties de leur communauté et ont été jusqu'à Oiapoque, ensuite il y avait des symptômes dans la communauté, mais ces personnes n'allaient point rechercher un Poste de Santé, rien. C'était quand le premier cas de Covid-19 a été confirmé dans le village que le Chef et le Conseil ont pris la décision de faire l'isolement de tous les membres de la communauté, qui sortaient seulement de leurs maisons que si c'était réellement nécessaire, si c'était quelque chose d'une extrême importance, mais, malheureusement, malgré toutes les mesures que nous avons essayé de prendre dans la communauté, nous n'avons pas pu éviter la propagation du virus, et plusieurs personnes ont été contaminées, y compris les personnes âgées et les enfants, mais nous n'avons eu aucun décès dans notre communauté, nous avons eu quelques cas graves, mais ils étaient peu. Dans la majorité des cas, nous avons eu des personnes qui ressentaient de légers symptômes, j'ai contracté le virus, mais je ne présentais qu'une quaise aucun type de symptôme, la seule chose était que j'ai perdu le goût, je ne sentais plus aucun goût. Je n'ai pas eu de fièvre, je n'ai pas eu de maux de tête, je n'ai pas eu de problèmes d'hypertension, ma pression n'a pas augmenté. Mais d'autres personnes du village avaient beaucoup de fièvre, beaucoup de maux de tête, mal-être, douleurs au corps.

Notre isolement à domicile dans le village est devenu plus rigide et les personnes devaient rester chez eux durant, plus ou moins, 14 jours, et il eut la fermeture de tout, des commerces, du terrain de football, de tous les lieux où il pouvait avoir de l'agglomération. Les travaux communautaires ont dû arrêter, de même que les réunions. Il y avait des réunions, mais c'était seulement avec le Chef et son Conseil, la communauté ne participait pas.

Le Covid-19 est une maladie grave, cela devrait nous préoccuper même! Aujourd'hui, nous voyons des récits de personnes qui ne vont pas encore bien, mais, par nécessité continuent de travailler dans leurs champs, continuent de faire leur travail n'est-ce-pas! Mais, grâce à Dieu, nous avons nos thés, ce fût quelque chose qui nous a beaucoup aidé ici dans le village, nos thés. Le peuple ici le faisait beaucoup et les gens en buvaient. Il eut des personnes qui ont réagi super bien au thé, et je peux dire que beaucoup de personnes ont été guéries à travers ces thés, je suis une d'entre elles et je raconte ici comment c'était que passer par cette maladie. J'ai vu mon père, j'ai vu ma mère, j'ai vu leur situation...

Ce n'était pas une chose si grave mais c'était préoccupant. On regardait à la télévision comment cela arrivait mais on croyait que tout allait passer et que nous allions arriver à

surmonter, et c'est ce qui s'est passé, nous avons pu surmonter et nous nous récupérons. Mais l'isolement et la distanciation continuent encore parce que personne ne sait comment fonctionne la rechute du Covid pour les autres personnes, parce que une personne qui a déjà contracté le virus, on ne sait pas comment cela fonctionne, alors on continue avec cette peur et avec cette méfiance de le contracter à nouveau. Une chose que nous devons gardé en tête est que nous avons besoin d'assurer notre vie, mais pas que la nôtre, celle des autres aussi, parce que si notre vie n'a pas été atteinte, la vie d'une autre personne peut être atteinte. Alors c'est tout, merci beaucoup!

Village Manga, Oiapoque, Amapá, Brésil

16 Juin 2020.

Récit reçu par audio et transcrit par Danilo Cavalcante de Sousa

Traduit par Manuella Adèle Fifamè CHOKKI

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#)

Good evening, my name is Magno dos Santos, I'm from Karipuna ethnicity, from Manga village, region of Curipi, Uaçá Indigenous Land, Oiapoque. I'm 22, I am regional representative, and I am part of counselors group of my community. Today, June 16th, 2020, I'm going to talk about how the pandemic hit my community. When the pandemic came, we already felt worried because we saw its effects in neighboring countries. So, our biggest concern was when we discovered that our elder ones were in the risk groups, because these are the people who keep our history, that we still preserve, they are also our living dictionaries, our books, but at this point there wasn't any bigger fear. We started to worry more about it when the firsts cases were reported, both in Guiana and Oiapoque. So, our chieftains' group, meeting within the Council of Chiefs, mobilized and requested an immediate sanitary barrier that would be place in the Km-18, the entry of our Uaçá indigenous Land. The main purpose of it was to prevent people from leaving or entering, so that there was no contamination within the community, so that people would not bring the virus to our villages.

At first it succeeded, we all could notice that the barrier worked and we were following its demands. But it turned out that some of our community members ran out of some essential products and hygiene products as well. So, the Chief, with the community help, held an internal meeting to build a strategy on how people would move from the village to Oiapoque and what this measure could be in order to prevent contagion within the community. They thought of strategies, but we know that we work with several regions and we know that there are several other communities

When the barrier was first opened, people traveled to Oiapoque to make their purchases, there was a complete control of the number of people who could go. So far, so good. We thought we were doing the right thing. We didn't realize that soon, we would have to face Covid-19... Many people left their community and went to Oiapoque, later on, people were feeling the symptoms, but people didn't look for a Health Center or anything. And just when the first case of Covid-19 was confirmed within the village, that the Chief and Council adopted the attitude of isolating all members of the community, to ask them to leave their homes only if it was really necessary, if it was for something utterly crucial, but unfortunately, even with all the measures we tried to take

within the community, we were unable to prevent the spreading of the virus, and several people got infected, including the elderly and children, but we had no death in our community, we had some serious cases, but few.

In most cases, we had people who experienced mild symptoms, I believe that I got the virus, but I did not have almost any symptoms, the only thing I noticed is that I lost my taste, I couldn't taste anything. I had no fever nor headache, I didn't have any problems with hypertension, neither my blood pressure went up. But there were people in the village who felt a high fever, lots of headache, malaise and body pain. Our home isolation in the village became stricter and people were supposed to stay in their homes for at least 14 days. Everything was closed, shops, the football field, all places that could be crowded. Community work had to stop, and also the meetings. The meetings only happened with the participation of the Cacique and his Council; the community did not participate.

Covid-19 is a serious disease, we really have to be concerned! Often, we see the reports from people who are not well yet, but, as a matter of necessity, they continue to work in their areas, they continue to do their jobs, right?! But, thank God, we have our teas, it was something that really helped us here in the village, our teas. People here did a lot of teas and the sick people took it. Many reacted very well to it, I can say that many of us have been raised through these teas, I am one of them and I'm telling you here what it was like to go through the disease. I saw my father, I saw my mother, I saw their situation ... It was not so serious, but it was preoccupying. We saw on television as it was happening, but we believed that it would pass and we would overcome it, yet it happened, we managed to overcome it and we are now recovering. But social isolation and distancing still needs to be followed, since nobody knows how Covid's relapse works for other people, because we don't know how it works even for a person who has already contracted the virus, so we continue with this fear and apprehension about having it again. The one thing that we have to bear in mind is that we really need to watch over our lives, and not just ours, but all others', because if our life has not been harmed, someone else's life can. So that's it, thank you very much!

Manga Village, Oiapoque, Amapá, Brazil

June 16th, 2020.

Report received in audio and transcribed by Danilo Cavalcante de Sousa

Translated by Ydoreh Gomes Borges

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#)

Buenas noches, me llamo Magno dos Santos, soy indígena de la etnia Karipuna, de la aldea Manga, región Curipi, tierra indígena Uaçá, Oiapoque. Tengo 22 años soy representante regional, también soy miembro del consejo de mi comunidad. Hoy, día 16 de junio del año 2020, voy a hablar de como la pandemia alcanzó y afectó a mi comunidad. Cuando llegó la pandemia la gente ya estaba preocupada, porque vió como afectó a los países vecinos. Nuestra mayor preocupación fue cuando vimos que los del grupo de riesgo son nuestros ancianos, porque ellos guardaban nuestra historia, ellos son diccionarios vivos y ellos son nuestros libros. Pero hasta entonces no tuve ese gran miedo. Comenzó la preocupación cuando aparecieron los primeros casos tanto en Guiana como en Oiapoque. Nuestro grupo de Caciques reunidos con el

consejo de Caciques, se movilizaron y pidieron de inmediato una barrera sanitaria, que sería en el Km-18, la entrada a nuestra tierra indígena Uaçá. El objetivo de la barrera era impedir la entrada o salida de personas, para que no llegase la contaminación dentro de la comunidad, y para que las personas no la trajesen a nuestras aldeas. Al inicio dio efecto, vimos que era una buena barrera y todos la respetábamos.

Pero miembros de nuestras comunidades se estaban quedando sin los productos esenciales y sin productos de higiene. Por lo tanto el Cacique junto con la comunidad, hicieron una reunión interna, para ver cómo las personas se moverían para salir de las aldeas hasta Oiapoque y cómo serían las medidas de prevención para que no hayan contagios en la comunidad.

Ellos pensaron en estrategias, pero sabemos que trabajamos con muchas regiones y sabemos que son muchas comunidades. La primera vez que fue abierta la barrera, la gente fue a Oiapoque, hicieron las compras y se sabía cuantas personas se fueron, hasta el momento todo estaba bien y pensábamos que hacíamos lo correcto, no sabíamos que nos enfrentaríamos al Covid-19 tan rápido...

Las personas que salieron de su comunidad a Oiapoque, después presentaban síntomas en la comunidad, pero ellas no se iban al puesto de salud, ni hacían nada. Sólo cuando fue confirmado el primer caso de Covid-19 aquí en la aldea, fue cuando el Cacique y el consejo tomaron la actitud de hacer el aislamiento de todos los miembros de la comunidad, que solo se podrá salir dos veces, en caso de emergencia. Desgraciadamente, aún con todas las medidas que intentamos tomar, dentro de la comunidad, no pudimos evitar la propagación del virus y varias personas fueron contagiadas, incluyendo ancianos y niños, pero no tuvimos ningún fallecido en nuestra comunidad, tuvimos algunos casos graves pero fueron pocos.

En la mayoría de los casos, tuvimos personas con síntomas leves, contraí el virus, pero casi no presenté ningún tipo de síntoma, lo único que perdí fue el paladar, no sentía el gusto en nada. No tuve fiebre, dolor de cabeza, no tuve problemas con hipertensión, mi presión no subió. Pero muchas personas de la aldea, sintieron mucha fiebre dolor de cabeza, mal estar y dolor de cuerpo. El aislamiento domiciliario pasó a ser más rígido y las personas debían estar en sus casas por lo menos 14 días, hubo un cierre de todos los comercios, campo de fútbol, los lugares de aglomeraciones. Los trabajos comunitarios tuvieron que parar, también las reuniones.

Habían reuniones, solo del Cacique con el consejo, la comunidad no participaba. El Covid-19 es una enfermedad grave y tenemos que preocuparnos, hoy vemos relatos de personas que aún no están bien, pero por necesidad continúan trabajando, en sus granjas, continúan haciendo sus trabajos.

Pero gracias a Dios tenemos nuestro té, fue lo que nos ayudó en la aldea. El pueblo los preparaba y la gente los bebía. Habían personas que reaccionaban bien al té, soy una de ellas y estoy contando como pasé la enfermedad. Yo vi a mis padres y vi su situación... no fue algo tan grande pero fue preocupante.

Veíamos por la tele lo que estaba ocurriendo, pero creíamos en que todo esto pasaría, que lo superaríamos y fue lo que pasó, lo superamos y nos estamos recuperando. Pero continúan el aislamiento y el distanciamiento social, porque nadie sabe cómo funciona la recaída del Covid-19, para las otras personas. Seguimos con el miedo de contraer el virus nuevamente. Una cosa

que debemos mantener presente es que, debemos preocuparnos por nuestras vidas y las de los de más, porque si nuestra vida estuviese perjudicada, la del otro también lo estaría. Por lo tanto es eso muchas gracias.

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil, 16 de junio de 2020.

Relato realizado en audio y transcrito por Danilo Cavalcante de Sousa.


Traducido por Benjamin Mba Abuy Nfumu

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#)



PET Indígena

Site educacional

 **Enviar mensagem**

  132

9 comentários 77 compartilhamentos